

MISSÕES JESUÍTICO-GUARANIS: ENTRE O TEMPO MEDIEVAL E O MODERNO

LUIZ HENRIQUE TORRES*

O PROCESSO HISTÓRICO MISSIONEIRO

As Missões Jesuítico-Guaranis não se regeram por um modelo civilizatório pronto a ser aplicado no Novo Mundo, mas consistiram numa experiência dinamizada em múltiplas variáveis – universo europeu e indígena –, e uniformizar uma provável temporalidade que definiria o movimento histórico missioneiro é tarefa difícil.

O acontecer histórico processa-se no espaço-tempo. No caso das Missões, o espaço refere-se a um território que hoje faz parte do Paraguai, Argentina e Brasil. Como o espaço não é meramente físico, mas está relacionado ao processo humano de construção de fronteiras, este espaço histórico é indissociável do tempo, pois a temporalidade é um fazer-se histórico no espaço. Se o homem constrói o espaço, deixando suas marcas materiais (habitações, cemitérios, urbanidade etc.), o tempo é o universo psicossocial, cuja linguagem se traduz em sonhos, fantasias e idéias. A temporalidade converte-se em signos, em expressões múltiplas que demarcam a vida e a morte. Falar do tempo é expressar o cotidiano, os atos lógicos e ilógicos que figuram ao longo do dia. Esses atos são expressos num meio concreto, que consiste em limites fixados por regras sociais e necessidade de sobrevivência material, circundados por signos normatizadores do comportamento. Tais signos normatizadores estavam presentes nas Missões através da disciplina e ritualização do cotidiano dentro de princípios cristãos.

Discutir a temporalidade é voltar-se à cultura do cotidiano. Daí decorre uma limitação: as fontes históricas são esparsas e indiretamente é que podemos obter informações sobre o dia-a-dia missioneiro. Temos acesso a obras e cartas dos jesuítas que permitem caracterizar o esforço normatizador. Mas a presença indígena? As

* Professor do Dep. de Biblioteconomia e História – FURG; Doutor em História do Brasil – PUC-RS.

fontes documentais dos jesuítas, lidas em seus comentários críticos à persistência do modo-de-ser guarani, possibilitam buscar sentidos para a própria ritualização promovida pelos padres.

Serão aqui destacadas algumas variáveis estruturais para uma caracterização da temporalidade missioneira, a partir das variáveis medieval e moderna.

O SENTIDO DA TEMPORALIDADE MEDIEVAL-MODERNA MISSIONEIRA

Conforme Hilário Franco Jr., na Idade Média, a Igreja, ao determinar rigorosamente o uso do tempo, interferia no mais profundo e cotidiano da ação dos homens. Tempo histórico: intervalo entre a Criação e o Juízo Final, tendo como grande linha divisória a encarnação de Cristo, a partir da qual se passa a contar os anos. Tempo natural: os ciclos das estações e os fenômenos meteorológicos, tão importantes numa sociedade agrária, lembravam a onipotência de Deus e deixavam aos homens uma única possibilidade de intervenção, realizada através do clero: as orações. Tempo social: festas litúrgicas, determinando para certos momentos certas formas de agir e de pensar, de trabalhar ou repousar, de se alimentar ou de jejuar. Tempo político: a Paz de Deus fixando onde e quando se poderia combater. Tempo pessoal: o cristão nascia com o batismo, reproduzia o casamento (desde que fora dos momentos de abstinência), recebia a extrema-unção, morria e era enterrado no espaço sagrado do cemitério da igreja de sua localidade¹.

O mundo terrestre era visto como palco da luta entre as forças do Bem e as do Mal, hordas de anjos e demônios. Disso decorria o segundo grande traço mental da época: a belicosidade. Na sua manifestação mais concreta, tratava-se de enfrentar as forças demoníacas dos muçulmanos, vikings e húngaros. Mais perigosas e difíceis de serem vencidas, contudo, eram as forças maléficas que não se encarnaram. Para isso era preciso outro tipo de guerreiros especializados: os clérigos, com suas armaduras simbólicas (batinas) e suas armas espirituais (sacramentos, preces, exorcismos). Sob seu comando, todos os homens enfrentavam o Diabo, vassalo de Deus que praticara felonias ao quebrar sua fidelidade.²

Uma das mais claras representações do mundo feudal na visão de perpetuação das relações de poder estabelecidas foi dada no século XI, pelo bispo Adalberon de Laon, o qual afirmou que o domínio da fé é

¹ FRANCO JR., Hilário. *O feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 57.

² FRANCO JR., op. cit., p. 60.

uno, porém há um triplo estatuto da Ordem.

A lei humana impõe duas condições: o nobre e o servo não estão submetidos ao mesmo regime. Os guerreiros são protetores das igrejas. Eles defendem os poderosos e os fracos, protegem o mundo, inclusive a si próprios. Os servos por sua vez têm outra condição. Esta raça de infelizes não tem nada sem sofrimento. Quem poderia reconstituir o esforço dos servos, o curso de sua vida e seus inumeráveis trabalhos? Fornecer a todos alimento e vestimenta: eis a função do servo. Nenhum homem livre pode viver sem eles. Quando um trabalho se apresenta e é preciso encher a despensa, o rei e os bispos parecem se colocar sob a dependência de seus servos. O senhor é alimentado pelo servo que ele diz alimentar. Não há fim ao lamento e às lágrimas dos servos. A casa de Deus que parece una é portanto tripla: uns rezam, outros combatem e outros trabalham. Todos os três formam um conjunto e não se separam: a obra de uns permite o trabalho dos outros dois e cada qual por sua vez presta seu apoio aos outros.³

Esse modelo é idealizado buscando a estabilidade da sociedade, fundada na busca do imobilismo social. Essa ordem imutável, feita à imagem do Criador, era una e trina.

Na interpretação de Jacques Le Goff, para a maioria das pessoas, mesmo laica, na Idade Média, a expressão do pensamento e do sentimento era informada pela religião e ordenada para fins religiosos. Mais ainda, todo o instrumental mental – vocabulário, enquadramento do pensamento, normas estéticas e morais – era de natureza religiosa, e o progresso a esse respeito será a laicização desses instrumentos da cultura.⁴

Uma primeira aproximação do problema da temporalidade missionária exige pensar o universo psicossocial europeu na transição da Idade Média para a Moderna. O homem ibérico do século XVI, refletindo a presença marcante da Igreja, que simbolizava a própria identidade após as lutas de reconquista da Península frente à ocupação árabe, permanecia ligado ao universo medieval: superstições, espiritualismo arraigado, devoção a santos e relíquias, peregrinações e sobrenaturalismo.

No contexto do Renascimento, da Reforma Protestante e da debilidade ético-moral católica, foi criada a Companhia de Jesus, ordem religiosa de caráter reformista e militante (soldados de Cristo), cuja ética loyolana baseava-se no “salvar a alma” através da militância religiosa e

³ LAON, Adalberon de, apud FRANCO JR., op. cit., p. 34.

⁴ LE GOFF, J. Pour un autre Moyen Âge. In: TÉTART, Philippe. *Pequena história dos historiadores*. Bauru: EDUSC, 2000. p. 44.

da obrigação de “viver no mundo”. A Companhia de Jesus nasce num período de crise da unidade europeia fundada na cristandade, de ampliação de espaços geográficos, decorrente das grandes navegações, em sintonia com os interesses da burguesia nascente.

É aí que se enquadra o papel da Companhia de Jesus: ordem atrelada aos princípios da burguesia expansionista, pois comprometida com a colonização e missionarismo (...). Os jesuítas prestaram grandes serviços à Igreja e aos Estados Ibéricos, na Modernidade. Afinados com os propósitos religiosos reformados, os padres da Companhia participaram do processo de colonização.⁵

Nas relações entre Igreja e monarquias espanhola e portuguesa, a Companhia de Jesus prestou grandes serviços na conversão indígena e missionarização. No caso das Missões Jesuítico-Guaranis, a nacionalidade espanhola destas é de extremo interesse para os estudos da formação territorial sul-rio-grandense e para a história da Bacia Platina Oriental⁶, ressaltando que a redução foi uma forma de conquista do índio, porém sob a capa da cruzada salvacionista da Igreja Católica.⁷

O surgimento dos povoados missionários na primeira metade do século XVII, em terras pertencentes à monarquia espanhola, desencadeou um processo civilizatório junto aos indígenas guaranis, promovendo a formação de uma organização social de caráter comunitário e católico, político-administrativamente vinculada aos órgãos metropolitanos (Casa de Contratação e Conselho das Índias), coloniais (Audiências, Vice-Reis, governadores, autoridades), clericais (superiores da Companhia de Jesus e Igreja de Roma) e locais (Cabildo); prestando serviços militares, pois os guaranis eram súditos do Rei (pagando impostos sobre a produção agropecuária e a exportação); promovendo a produção artística, artesanal e técnica, segundo o imaginário da sociedade europeia católica (diabo x conversão).

A inserção das Missões no processo histórico platino tem possibilitado análises da formação social, político-administrativa, econômica, cultural etc., porém as estruturas mentais⁸ ainda não

⁵ SEBE, José Carlos. *Os jesuítas*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 8.

⁶ Os reflexos dessas questões na historiografia podem ser equacionadas em TORRES, Luiz Henrique. *Brasilidade e platinidade na historiografia do Rio Grande do Sul (1819-1975)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004.

⁷ SCHALLENBERGER, Erneldo. *Missões jesuíticas: fronteiras coloniais do Prata*. Santa Rosa: FFCL Dom Bosco, [s. d.], p. 59.

⁸ Conforme Ariès, estruturas mentais são “traços coerentes e rigorosos de uma totalidade psíquica que se impõe aos contemporâneos sem que eles saibam. Talvez os homens de

receberam um espaço maior na produção intelectual missioneira. Nesse sentido, buscar a compreensão da temporalidade é uma das possibilidades para responder à indagação: como a Companhia de Jesus construiu ritualmente a temporalidade no Novo Mundo e qual a natureza dessa construção frente ao Colonialismo? Ou seja: o tempo missioneiro é medieval/moderno ou decorre das possibilidades histórico-culturais das Missões inseridas nas determinações e limites do Sistema Colonial Mercantilista?

Para uma aproximação inicial com o cotidiano e temporalidade missioneira, Maxime Haubert e Bartomeu Meliá são autores que desenvolveram estudos fundamentais para o desvelamento de tais indagações.

O francês Maxime Haubert realizou uma caracterização do cotidiano missioneiro ao analisar a normatização das “horas e dos dias”:

O dia começa às quatro horas – ou às cinco no inverno – ou seja, cerca de uma hora antes do nascer do Sol. É o guarda-portão quem toca o sino para acordar os jesuítas, os quais se dirigem imediatamente à igreja, para uma hora de devoção mental. Durante esse período, os alcaides das crianças percorrem as ruas ao som de tambores, gritando: “Irmãos! Eis que vai começar o dia! Que Deus vos guarde e vos ajude! Acordai os vossos filhos e filhas, para que venham orar e louvar a Deus, ouvir a santa missa e começar os vossos trabalhos em seguida. Não vos demoreis, não sejais fracos, não vos deixeis tomar pela preguiça! Ouvi! Já soam os tambores”. Todas as crianças e todos os adolescentes, desde os sete anos até a idade própria do casamento, são reunidos pelos alcaides e conduzidos até o adro da igreja. Duas crianças rezam orações, as quais são repetidas em coro pelos companheiros. Em seguida, entoam alguns pequenos cânticos, tudo isso sob a direção de catequistas índios; mas, como os jesuítas não acreditavam muito neles, em assuntos tão essenciais, não raro que surjam inesperadamente no meio deles.⁹

Às dez horas, após haverem recitado as ordens canônicas, os jesuítas retiravam-se para os seus quartos, a fim de realizar o exame de consciência. As ocupações variavam entre as confissões, inspeção dos campos e das oficinas, catequese, visita a doentes. Durante as

hoje sintam a necessidade de trazer para a superfície da consciência os sentimentos de outrora, enterrados numa memória coletiva profunda. Pesquisa subterrânea das sabedorias anônimas: não sabedoria ou verdade atemporal, mas sabedorias empíricas que regem as relações familiares entre as coletividades humanas e cada indivíduo, a natureza, a vida, a morte, Deus e o além”. ARIÈS, Philippe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques (Org.). *História nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 175.

⁹ HAUBERT, Maxime. *A vida quotidiana no Paraguai no tempo dos jesuítas*. Lisboa: Livros do Brasil, [s. d.], p. 272-273.

refeições, um *chantre* lia um capítulo das santas escrituras em latim, vida dos santos em espanhol, o martirólogo, o Livro de Ordenes (às sextas-feiras) e a cada quinze dias, as regras do Instituto.¹⁰

Os índios trabalhavam nove horas no verão e sete horas no inverno, sendo a jornada de trabalho encerrada com o toque do sino chamando para o terço. Os padres encarregavam-se dos enterros e após recebiam os fiéis para confissão. Às dezenove horas era servida a janta, seguida de uma hora de recreio e posterior exame de consciência. O dia encerrava-se com orações, leituras pias e penitências:

Antes de se deitarem, as crianças enchem as ruas de breves cânticos, após o que vão pedir a benção a seus pais. Depois do toque de recolher, a nenhum índio é permitido sair de casa, percorrendo vários zeladores todas as ruas, durante a noite, a fim de evitarem infração ao sexto mandamento. Todo o moicante recebe um castigo exemplar. A noite acha-se dividida em três quartos, sendo a rendição anunciada por um toque de tambor (...) Assim decorrem os dias e as noites.¹¹

O decurso dos anos era marcado pelas mesmas festas religiosas e civis da América colonial espanhola, como é o caso das festividades da Quaresma, Paixão, Páscoa, Natal etc. O Padre Peramás, cura de uma missão do século XVIII, escreveu que “não se ouviam outros cânticos que não fossem dedicados a Deus, a Jesus Cristo, à Virgem Maria e aos santos, cujos louvores ressoavam pelas ruas e caminhos...”¹²

Segundo Bartomeu Meliá, nas Missões as horas e os dias, as semanas e as estações sucediam-se com a regularidade de um relógio, pois “las mismas figuras salen a las mismas determinadas horas, se ponen en movimiento, hacen sus gestos con la misma controlada exactitud que el paso de las horas, siempre fieles a sí mismas, iguales, repetidas en su rutinario volver, constantes en su distribución”.¹³

O padre jesuíta José Cardiel afirmou que em cada missão havia um relógio feito por índios ou comprado em Buenos Aires. Um índio velho, o *portero*, era responsável por um relógio situado no corredor do primeiro pátio, o qual tocava rigorosamente às cinco horas no inverno e às quatro no verão.¹⁴

Outro participante da conquista espiritual, o padre José

¹⁰ Idem, p. 284-285.

¹¹ Idem, p. 288.

¹² Padre Peramás, citado por HAUBERT, op. cit., p. 278.

¹³ MELIÁ, Bartomeu. La vida en las reducciones jesuíticas de guaraníes o el uso perfecto del tiempo In: _____. *El Guaraní conquistado y reducido*: ensaios de etnohistória. Asunción: Universidad Católica, 1988. p. 210.

Escandón, escreveu sobre o *tamborito* que era tocado “en la plaza y por las calles”, convocando os índios para o catecismo e a missa.¹⁵

Os ofícios artesanais, o trabalho agrícola e as atividades tinham horários fixos que somente eram alterados nas mudanças de estação. O despertar, a missa, as refeições, o repouso noturno são seqüências de um ritmo disciplinador e repetitivo. “El sol está ido y los indios descansam, esperando un nuevo día tan igual al día anterior y tan igual en un pueblo como en otro, que sólo las personas diversas y algún detalle pueden orientar la diferencia”¹⁶. As festividades religiosas eram momentos de ritualização de um cotidiano voltado à dinâmica espiritual da moral cristã através das procissões, da música e canto, da dança, de representações teatrais e devoções.

Um livro impresso na língua guarani pelo padre J. Insaurrealde chamado “Araporú aguiyey habá” (Do uso perfeito do tempo – edição de 1759) apresenta na capa o seguinte texto: “En estos libros enseña el autor a los indios, cómo pasar el día íntegro santa y dignamente, ya sea trabajando en casa, ya cultivando el campo, ora camino de la iglesia o asistiendo a la misa”.¹⁷

A uniformidade e repetição das atividades e movimentos nos pueblos promoviam um ritmo que almejava o “uso perfeito do tempo”, um ritmo de trabalho e cristianização, conduzido na atenção constante dos jesuítas. Este modelo de uniformidade certamente deve ser relativizado (os apelos dos discursos jesuíticos buscam uma certa prática social normatizadora), e a formação missioneira, na dinâmica global e particularidades de cada povoado, edificou seu ritmo a partir de arritmias frente ao modelo de uniformidade proposto no século XVIII no livro sobre a disciplinarização da temporalidade. Essas arritmias estão relacionadas à presença dos carais-feiticeiros no século XVII e pela persistente presença cultural dos guaranis nas Missões.

A inserção e sobrevivência de um *tempo perfeito* frente à história colonial ibero-americana demonstrou ser um processo complexo e frágil. O universo ritual, alegórico, material e discursivo sucumbiu frente à magia destruidora de uma palavra: fronteira. A delimitação das fronteiras entre as frentes de expansão luso-brasileira e espanhola-americana correspondeu a um processo de longa duração, que se estendeu entre os séculos XVII e XIX. As possibilidades históricas missionárias estão

¹⁴ FURLONG, Guillermo. *José Cardiel y su carta relación (1747)*. Buenos Aires: Del Plata, 1953, p. 134.

¹⁵ Citado por MELIÁ, op. cit., p. 212.

¹⁶ Idem, p. 219.

¹⁷ Ibidem, p. 211.

contextualizadas nessa disputa de fronteiras entre os países ibéricos e os interesses coloniais. A fragilidade de possibilidades que se denunciaram em curta duração (bandeirantes escravagistas e a destruição das Missões); em média duração (tratados políticos de delimitação territorial entre Portugal e Espanha); em longa duração (os antagonismos – políticos, econômicos, militares e intelectuais). Essas *durações* traduzem a inviabilidade de uma temporalidade uniforme e perfeita num espaço-tempo tenso e conflitivo.

As determinações do processo histórico europeu e platino, dinâmica em que as Missões estão inseridas, propiciou um tempo para a conquista espiritual, para o florescente desenvolvimento urbano e para a derrocada do projeto e a decorrente expulsão dos jesuítas e marginalização dos guaranis.

Se o confronto com o universo colonial desarticulou a temporalidade missioneira (fundada no comunitário, mercantil, sobrenatural e hierarquia), a questão de como o uso perfeito e uniforme do tempo regeu a vida dos jesuítas e índios por mais de cento e cinquenta anos é um problema que conduz para o campo da ritualização e das realizações materiais. A ampliação das pesquisas no campo da ritualização e do sagrado-profano permitirão o levantamento de novos elementos na caracterização do imaginário missioneiro.

O SENTIDO DO TEMPO

O ritmo temporal missioneiro cadenciava-se pelo ritualismo cristão com todo o seu universo de representações e repressões.¹⁸ A sistemática do trabalho, das atividades espirituais e artísticas impunha-se enquanto disciplina ordenadora do espaço social.

Enquanto produto da conquista espiritual e tensão com a sociedade baseada na exploração da mão-de-obra pelo *encomendeiro*, as Missões constituem-se num processo enquadrado no sistema colonial mercantilista, porém com características específicas e diferenciadas.

A Companhia de Jesus construiu ritualmente a temporalidade nas Missões recorrendo às alegorias, representações, sobrenaturalismo, atividades cênicas, musicais, festas religiosas, criando o pecado e propiciando o perdão ao guarani, estando em sintonia com os princípios religiosos católicos ordenados pela Igreja e em consonância com as monarquias ibéricas no contexto do Padroado na Idade Moderna.

A transição medieval-moderno foi um processo lento de

¹⁸ SOUZA, José Otávio Catafesto. Uma análise do discurso missionário: o caso da indolência e imprevidência dos guaranis. *Veritas*. Porto Alegre, PUCRS, n. 140, p. 706-726, dez. 1990.

sobrevivência de uma mentalidade sensível às forças sobrenaturais. A repetição-imposição de um certo comportamento cristão no cotidiano das Missões visava à doutrinação e ao enquadramento do guarani às necessidades advindas da modernidade.

Uma delimitação mais clara da temporalidade missioneira precisa levar em consideração essa transição em que o recurso medieval através do pensamento cruzadista, sobrenatural (intervenção divina na sociedade e na natureza, ação de Deus, que guia e legitima a ação do Clero)¹⁹, a forte ritualização (símbolos, relíquias), se fundiu com as necessidades advindas do moderno (trabalho e produção sistematizada, geração de excedentes para comercialização, divisão social do trabalho, incorporação de tecnologia). Ou seja, o imaginário conservador, repressor e conversor do período medieval foi mantido – aquele universo alegórico e discursivo no qual a Igreja erigiu o seu poder –, enquanto outra faceta do medieval foi superada – a letargia produtiva. O moderno está presente com sua sistemática e disciplina, com seu tempo matemático e mecânico. O discurso recorre ao medieval, mas as motivações são da modernidade.

Apesar do isoladas do contato direto com o universo ibérico e colonial, as Missões tinham seu cotidiano regulado por aquele universo visando a um *uso perfeito do tempo* em vários níveis: organização política, jurídica e administrativa, súditos do Rei e organização socioeconômica, ou seja, o trabalho, produção, excedentes e comercialização.

Os conceitos de organização sociopolítica que tentam explicar a formação missioneira – como pode ser exemplificado nos conceitos sintetizadores de Império Teocrático, República Comunista Cristã e Socialismo Missioneiro – desconsideram que os conceitos devem ser formulados a partir do objeto. A própria construção da temporalidade missioneira caracteriza uma formação que somente a complexa dinâmica histórica dessa transição poderá melhor definir.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. A história das mentalidades In: LE GOFF, Jacques (Org.). *História nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FRANCO JR., Hilário. *O feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FURLONG, Guillermo. *José Cardiel y sua carta relación (1747)*. Buenos Aires: Del Plata, 1953.

HAUBERT, Maxime. *A vida quotidiana no Paraguai no tempo dos jesuítas*. Lisboa: Livros

¹⁹ O apelo ao sagrado e ao sobrenatural aparece claramente em dois jesuítas que participaram da conquista espiritual: Antonio Ruiz de Montoya e Antonio Sepp.

do Brasil, [s.d.].

MELIÁ, Bartomeu. La vida en las reducciones jesuíticas de guaraníes o el uso perfecto del tiempo. In: _____. *El Guaraní conquistado y reducido*: ensaios de etnohistória. Asunción: Universidad Católica, 1988.

MELIÁ, Bartomeu; NAGEL, Liane Maria. *Guaraníes y jesuitas en tiempo de las misiones*: una bibliografía didáctica. Asunción: CEPAG; Santo Ângelo: URI, 1995.

MONTOYA, Antônio Ruiz de. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape (1632)*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

SCHALLENBERGER, Erneldo. *Missões jesuíticas*: fronteiras colonais do Prata. Santa Rosa: FFCL Dom Bosco, [s. d.].

SEBE, José Carlos. *Os jesuitas*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SEPP, Antônio. *Viagem às Missões jesuíticas e trabalhos apostólicos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

SOUZA, José Otávio Catafesto. Uma análise do discurso missionário: o caso da indolência e imprevidência dos guaranis. *Veritas*. Porto Alegre: PUCRS, n. 140, dez. 1990.

TÉTART, Philippe. *Pequena história dos historiadores*. Bauru: EDUSC, 2000.

TORRES, Luiz Henrique. *Brasilidade e platinidade na historiografia do Rio Grande do Sul (1819-1975)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004.